

BANCO VIRTUAL DE ATIVIDADES DO NAP

Coordenador: CHRISTINE SIQUEIRA NICOLAIDES

Autor: DANIELA DONEDA MITTELSTADT

O presente projeto terá, em sua primeira etapa a montagem técnica do banco virtual que será feita por um bolsista com conhecimentos em linguagem html, na plataforma Moodle e no programa Hot Potatoes. Paralelamente coletamos, junto aos alunos de Letras de Inglês V, atividades pedagógicas devidamente revisados por mim, bem como por outro bolsista de iniciação científica. O segundo semestre está sendo dedicado à alimentação do site e pilotagem do mesmo. Os resultados serão avaliados para uma revisão final. A meta é que uma primeira parte do banco já esteja disponível para os usuários em Março de 2008. Um projeto como esse aqui proposto corre o risco de apenas repetir modelos tradicionais e ineficientes de ensino se não estiver embasado em concepções mais amplas e mais de acordo com o mundo globalizado e se ainda não tiver uma orientação pedagógica de acordo. Uma dessas orientações deve ser o princípio básico de desenvolvimento de autonomia do aprendiz. No que diz respeito à sua conceituação autonomia pode, por exemplo, ser apresentada em uma perspectiva mais pessoal e, sob meu ponto de vista, crucial: aquela proposta por Kenny (1993:436), em que "autonomia não é apenas a liberdade para aprender, mas também a oportunidade de tornar-se uma pessoa". Essa definição entra em consonância com a de Littlewood (1996:429), que argumenta que "podemos olhar a capacidade geral de uma pessoa para independência ao longo de uma variedade de situações que ela enfrenta. Alternativamente, podemos olhar para a capacidade de um indivíduo em agir autonomamente no desempenho de tarefas específicas". Assim, um dos objetivos da educação deve ser o de produzir indivíduos autônomos por meio da produção de alunos autônomos. Em outras palavras, deve-se auxiliar o aluno a fazer suas próprias escolhas em sua aprendizagem, de forma que possa também tomar seus próprios caminhos em sua vida pessoal. A definição de Holec (1981) é aquela que, ainda de forma mais geral, cobre o que realmente se almeja quando se pensa em aprendizado autônomo; ou seja, que o aprendiz se responsabilize por sua própria aprendizagem, gerenciando seu tempo e seu ritmo e respeitando, assim, suas preferências e necessidades individuais. Isso acontecendo, poderíamos até mesmo questionar a necessidade do professor ou da instituição educacional para que ocorra a aprendizagem. Contudo, levando em conta a premissa de que, mesmo a autonomia sendo uma capacidade existente no indivíduo, precisa ser desenvolvida (o que pode

acontecer em diferentes graus), o papel do sistema de educação passa a ser fundamentalmente significativo. O que me parece relevante, todavia, enfatizar é que a questão do contexto não está explícita na definição de Holec. Desta forma, penso que um aprendiz que desenvolve sua capacidade de encarregar-se por sua própria aprendizagem idealmente precisa: * saber definir suas metas; * entender seu papel de aprendiz como responsável pelo processo de busca e aquisição do conhecimento; * estar apto a definir as formas de buscar seu conhecimento desenvolvendo habilidades e técnicas para trabalhar de forma independente e em outros contextos diferentes do acadêmico. * ser capaz de detectar suas dificuldades e procurar soluções para serem implementadas, tendo maior controle sobre sua aprendizagem; * conseguir avaliar-se não só ao final, mas durante o processo de aprendizagem; * desenvolver a capacidade de exercer autonomia como aprendiz nas oportunidades oferecidas pelo contexto de forma responsável e assim, tomar consciência de seu papel de modificador do meio social no qual está inserido. Se diante disso, então, aceitamos a autonomia como uma meta e, conseqüentemente, como uma prática educacional, precisamos avaliar suas implicações políticas e a melhor forma de introduzi-la. Forma essa que precisa ser experimentada e lapidada conforme os interesses, estilos de aprendizagem, necessidades e preferências de nossa realidade educacional. Sendo assim, nesse projeto, quando proponho o envolvimento do próprio aluno de Letras nas colaboração e construção de um banco virtual de atividades em línguas, penso estar envolvendo-o diretamente no processo de aprendizagem, não só dele, mas da comunidade em geral. É preciso que o espírito colaborativo seja fomentado mais do que nunca em um mundo globalizado que exige novos perfis de aprendizagem e, conseqüentemente, de profissionais capacitados a gerir esse tipo de aprendizagem. Portanto, o BVL pretende em médio e a longo prazo oferecer um espaço virtual em que alunos, professores e aprendizes de língua em geral possam interagir, seja colaborando na construção desse espaço, seja utilizando-o como ferramenta para desenvolver sua competência lingüística.